

ZINE

sessão
**BRA
SIS**

CINEMA
PARA
TODES

**De 15 a 18
de novembro
em Maranguape**



CINE
CINEURGENTE
URGENTE



Esta zine materializa um gesto muito importante. A equipe do CineUrgente montou a sessão BRASIS, promoveu encontros de exibição e, junto a isso, enfatizou a urgência de ressoar os filmes por meio de debates e de escritas. Tive a honra de mediar um espaço de discussões sobre essa tarefa tão necessária de colocar a palavra em trabalho sobre o que nos chega das imagens e dos sons. Esse grupo de vozes aqui reunidas tem a contundência e a poética fundamentais para costurar conexões com as formas e as experiências manifestadas nos curtas da sessão BRASIS.

A turma é feita de muitas mãos, entre quem está aqui com textos e pessoas que debatem as sessões ou que trouxeram contribuições fundamentais ao processo formativo: Anderson Nunes, Camila Andrade, Wylliana Silva, Gabriela Gondim, Levi da Costa, Lídia dos Anjos, Sonni Mendonça, Thiago Campos, Adri Duarte, Jauh Ferreira, Joyce Vidal, Ton Almeida. Agradeço muito por esse processo de encontro, em momentos de escuta compartilhada e de intensa conversação sobre os embates estéticos, institucionais e sociais de cinemas urgentes. Vida longa a essas escritas e ao movimento de escrever! Vida longa ao CineUrgente! ”

- Érico Oliveira (Oficineiro
da equipe crítica do CineUrgente)

SOBRE A SESSÃO: Por Sonni Mendonça

Dentre todos os filmes da sessão, a unidade que se constrói me guia o pensamento ao desejo de interferir nesse espaço. Seja por manter-se, sair e apenas se mudar, a favela é palco das gravações de sus filhas.

De todos os curtas, me chama a atenção como as personagens tem busca de pelo sentimento de existir; É como o ensejo de deixar a impressão no mundo. Todas elas, movidas pela vontade de resistir, tomam caminhos divergentes entre cada filme, mas ainda sim verossímeis de acompanhar.

A periferia, enquanto ambiente das tramas, toca as personagens de tantas maneiras. Tem com desdobramento das histórias uma impressão, resistência com esse lugar.

Gosto muito como as tramas são de familiaridade a nós, crias da periferia. Elas são fáceis de entender acontecendo. Nas ruas, nos sofás de nossas casas e nos bares de vizinhos. Essa familiaridade que as narrativas sustentam com o ambiente favela faz das histórias muito próximas e importantes de acessar.

Para a impaciente Jaqueline em ‘Impermeável Pavio Curto’ (Higor Gomes, 2018), o desejo de continuar morando com a tia é uma parte muito massiva de dar sensação de pertencimento que a garota procura. Jaqueline toma as ruas da comunidade, pedalando em sua bicicleta como seu ato de resistir ao estresse que a incomoda. Já para o avô Tuiú (O Dia que Ele Decidiu Sair - Thamires

Vieira, 2016), pertencimento é encarar mais uma vez a responsabilidade – e liberdade - de morar sozinho, já idoso.

A procura pelo gesto de permanecer toca as histórias em um caminho fácil de se identificar, é realidade próxima e muitas vezes, vivida por nós. Na favela, não somente temos que lidar com a virtude de fazer uma vida lá, mas também encará-la.

No curta Banzo (Rafael Luan, 2021), uma mãe precisa aprender a se re acostumar com sua vida após a morte do filho. Ocupar a casa, agora sem ele, a companhia das vizinhas e as ruas que tomaram o filho dela. Aqui, no retrato infeliz do que pode acontecer entre as ruas da favela, a necessidade de seguir à frente é o que mantém a mãe, alguém que está se defendendo das rasuras desse espaço.

A sessão reúne narrativas contadas e contribuições realizadas por suas crias, negres, indígenas, mulheres, LGBTQ+, feito por nós e para nós um momento de diálogo e partilha de nossas experiências nesse lugar. Bons ou ruins, bonitos ou feios, as histórias retratadas nos filmes e em nossa própria experiência contribui com um diálogo honesto.

A representação da periferia toma cada vez mais as justas atenções; seja em festivais, com o olhar especializado ou em sessões populares para o público geral, ocupar espaços e principalmente palavras e discursos, é uma poderosa ferramenta de expressão

de fala para nossos discursos. Com momentos como essa sessão, estamos nos reunindo e trazendo nossas urgências como uma liga em que nos sentimos ouvidos e compreendidos.

CONHEÇA ES REALIZADORIES:

Rafael Luan (CE)



Cientista Social, mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará, desenvolve pesquisas sobre racismo institucional, sistema carcerário, criminologia crítica e controle social. É aluno da escola pública de audiovisual da Vila das Artes. Em audiovisual pesquisa as representações coletivas do homem negro no cinema brasileiro e a produção de contra imagens sobre a subalternidade e o medo.

Thamires Vieira (BA)



Diretora e produtora, a baiana co-dirigiu a série "Diz Ai Afro indígena" para o Canal Futura, foi diretora de cena do documentário " Viva nossa Voz" (2020) para o Instagram e Canal Brasil. Em 2021, Thamires lança o curta "Nunca pare na Pista" e se dedica ao desenvolvimento do seu primeiro longa metragem "Mulheres do Bando" com as atrizes do Bando de Teatro Olodum.

BANZO

De Rafael Luan

Por Thiago Campos

Apesar de se tratar de uma obra de ficção, Banzo faz-se muito próximo da realidade, uma vez que os espaços, os corpos que compõem as cenas e a própria temática do filme são as mesmas que nos deparamos todos os dias nas periferias da cidade de Fortaleza. Podemos tomar por exemplo a relação dura que a personagem da mãe tem para com o filho, fazendo-nos refletir sobre a própria condição de ser mãe solteira, de ter de se desdobrar em mil para poder criar um filho adolescente ao mesmo tempo em que precisa trabalhar para manter a casa, e a forma com que essa obra apresenta esse panorama nas primeiras cenas é fascinante.

Outra grande sacada em Banzo, e todas as vezes que assisto isso fica cada vez mais evidente para mim, é a cena em que se usa o ouvir do áudio enviado para o filho repetidamente como uma potente e criativa ferramenta dramática. Só me recordo de ter visto algo parecido com isso no curta Fantasma (2010), e acredito que essa é a grande cena que fica ressoando em nossas cabeças mesmo muito tempo depois de ter visto o filme.

Saímos do campo das imagens captadas por câmeras e entramos num universo animado de linhas azuis e vermelhas que tanto simbolizam as sirenes da polícia para

evidenciar a tragédia que não nos é dita por palavras, mas serve também de símbolos para construção da ideia de rio e sangue que parecem sempre correr em paralelo na nossa capital, transformando-se em espirais que lembram a fumaça do cigarro da personagem da mãe e que também é evaporação do rio e do sangue derramado, e posteriormente, cedendo lugar a última metamorfose que são os flashes de luzes caóticas e em trânsito.

O luto dá espaço para a continuidade da vida... Essa mesma ideia apresentada por exemplo na cena dos feijões de Eles Não Usam Black Tie (1981), é também majestosamente entregue para quem chega nas últimas cenas nesta obra, o dia a dia, na figura imaterial do tempo corrido, é sempre o que nos espera mesmo depois das maiores conquistas ou tragédias.

Banzo termina com uma canção entoada em meios aos afazeres domésticos da personagem principal, se contrapondo de todas as formas possíveis à toda angústia, solidão, dor, saudade e silêncio que a atmosfera dessa obra tão sagazmente nos envolve desde a primeira cena e também muito depois de seus créditos.



ENSAIO SOBRE ABISMOS OU AS IMAGENS QUE RESGATEI DE ALGUM LUGAR DA MINHA MENTE

De Rafael Luan
Por Thiago Campos

Toda vez que vejo uma obra audiovisual com a palavra “Ensaio” presente em seu corpo ou título, fico imaginando o quão íntima ela deve ser para seu autor, visto que, o ensaio se propõe muito a apresentar o ponto vista e argumentações que não necessariamente seguem uma linearidade dramática que costumamos ver na maioria dos filmes; mas que revelam a todo instante a presença de seu autor, e posso afirmar que não me desapontei, pois logo ao terminar de assistir o filme sai totalmente tomado pelos discursos de seu autor, que como disse anteriormente, está totalmente dentro de sua obra, de modo que as vezes era possível confundir a voz do autor com as vozes que guiavam o filme.

Sobre a laboração diria que trata-se de um filme-montagem, pois recorre-se bastante a materiais de arquivos para construir um universo potente de verossimilhança, que é ainda mais reforçado através de seus jogos sonoros.

Muitas informações surgem para nós que o assistimos, uma delas, penso eu, serve para que jamais a esqueçamos, trata-se portanto do

“sumiço” do pedreiro Amarildo (2013), morador da Rocinha, e o envolvimento criminoso de 10 policiais militares.

A obra ainda traz o que chamo de “estética analógica”, que através de recursos na pós-produção, envelhece as imagens presentes, assim como os discursos e cria um tom quase fantasmagórico para a obra, ao mesmo tempo que sonoramente nos apresenta um toque de futurismo.

Penso que, Rafael Luan, constrói nesse curta metragem um lugar de pertencimento e revolta, pois evidencia as muitas violências efetivadas pelo estado e pelas elites para com os corpos pretos.

O papel da mídia também é posto em cheque, pois a obra sugere que a sua ação nas periferias é relacionada a uma certa reafirmação e reencenação da violência que alimenta o fetichismo do telespectador.

Em suma, diria que “Ensaio sobre abismos ou as imagens que resgatei de algum lugar da minha mente” é um filme de autor que apresenta uma série de reflexões possíveis principalmente para quem pertence ao povo afro em um Brasil extremamente hostil, apesar de possível em um espectro de futuros.



O DIA QUE ELE DECIDIU SAIR

De Thamires Vieira
Por Anderson Nunes

Vende-se esta casa
O sol raiou
É dia de ir embora
Ele acordou mais cedo que o
comum
É dia de ir embora
As malas estão prontas
É dia de ir embora

Um vazio se abre no espaço onde
sempre foi o lugar dele

Porque ele foi embora.

Os fins são irremediáveis, num primeiro momento pode parecer desesperador, mas todo fim é uma possibilidade de recomeço. Tuiú, avô da diretora do filme, Thamires Vieira, decide ir embora pela segunda vez. Quantos de nós já não tivemos vontade de recomeçar tudo em um novo lugar? O próprio Seu Tuiú, que é conhecido pelo seu antigo bar, vive questões com o lugar onde morou a maior parte da sua vida. O filme é transparente e traz reflexões significativas sobre o espaço em que vivemos, sobre nossa casa, nossa rua, nossa cidade, nossas vidas. Sobre o tempo e os espaços de recomeço. É fácil ir embora e recomeçar? Não! É necessário? Às vezes, sim.

De forma muito poética, com composições e fotografias que saltam aos olhos, o filme também traz uma crítica e pontos de discussões necessárias em relação ao espaço urbano, o processo de crescimento desenfreado, a gentrificação e as ocupações. Acredito que são possibilidades de conversas interessantes e que nos fazem pensar e provocar questões acerca do nosso papel em meio a essa acelerada depredação dos nossos espaços, lugares que convivemos a vida toda.

Outro ponto que me chamou atenção em "O dia que ele decidiu sair" é a participação da família no elenco. É de muito bom tom ver um trabalho feito com a família, que é um dos pilares fundamentais para nós que vivemos das nossas artes, ver e ter um apoio fraterno dentro das nossas trajetórias.

O filme nos deixa com expectativas e aquela sensação gostosa de "quero mais", de querer saber mais sobre a ida do Seu Tuiú e a família para esse outro lugar, o lugar de recomeço.

NUNCA PARE NA PISTA

De Thamires Vieira
Por Camila Silva Andrade

Nas primeiras palavras que pensei para este texto, a primeira coisa que notei e achei engraçado é que o nome Thamires remete a um plural e por isso parece indicar não só uma, mas várias mulheres. Quando escuto esse nome, a primeira Tamires que me vem à mente é a minha

irmã mais nova. Ela tem um pequeno furo no coração. Quando soube-mos imaginamos que Tamires não poderia se envolver com atividades que pedissem muito esforço. No entanto, lá estava ela subindo em árvores, subindo em serras e participando de grupos de lutas marciais.

A minha irmã, com furo no coração e tudo, se joga na pista e vai.

Como a Thamires do filme fazendo seu primeiro filme. Como a Thamires fora das câmeras fazendo este filme. Como a Amanda, que não é Tamires, mas tem sua voz ouvida por uma ao ser retratada nesta obra. Mulheres que buscam a cada dia a realização de seus objetos, mesmo diante dos "furos", agora, obstáculos vindos da estrutura social.

Amanda quer cantar e Thamires quer fazer um filme. Ambas mulheres negras, periféricas, longe do cenário artístico dominado pela elite e homens brancos. Amanda canta tudo, topa qualquer show, só quer cantar, mesmo que para isso acabe se submetendo a riscos. No início do filme, performa sob o som de uma diva do pop americano, e ao final, empresta sua voz à música popular brasileira, forró, sertanejo, Sandy e Júnior... Reticências. Não há o glamour dos grandes palcos, mas Amanda tenta trazer seu brilho, na roupa, no turbante glitterinado que usa, no cenário colorido, como uma diva.

Enquanto isso, Thamires registra tudo, em uma metalinguagem. Ela é personagem realizadora, e a

realizadora de si própria como personagem. Porque Thamires é como Amanda, alguém que percorre o sonho da arte, que se joga na pista e não para mesmo diante dos furos que estão nela. Ela é roteirista, diretora, produtora, personagem da própria narrativa. E no plural de seu nome Thamires segue, para trazer histórias de várias mulheres que sonham, lutam e nunca param na pista.

NUNCA PARE NA PISTA

De Thamires Vieira

Por Wylliana Nascimento

Senhoras e senhores, vem aí a menina mulher da pele preta, filha da noite, rainha do ébano, ela, a mais esperada, a mais amada, Amandaaaaaa. [gritos e aplausos] [Agradecimentos] [silêncio] [Amanda Canta] “eu só queria entender seus pensamentos [...]” [Aplausos novamente]. A narrativa do filme “Nunca pare na pista”, da Thamires Vieira, bem que podia iniciar assim, em algum lugar dos sonhos da protagonista Amanda, realizados ou não, porém vivido em suas fabulações da fama. E quem disse que mesmo diante de tanta ausência de oportunidades nós deixamos de sonhar/fabular construir carreiras rumo ao que nos alimenta?

Pois é exatamente isso que vemos no filme da Thamires Vieira. Amanda é uma menina- mulher pretíssima, do interior, gorda e ou-

sadíssima – o íssimo se encaixa em quase tudo dessa personagem, que vive o sonho de ser cantora com muita intensidade. Cantora de quê? Arrocha, pagode, sertanejo, MPB, o que você imaginar... “Tô topando tudo”, diz ela. Amanda está tão disposta a realizar seu primeiro show que até pensa em fugir com um caminhoneiro que prometeu que a levaria para fazer shows estrada a fora... É justamente nisso que reside toda a magia do filme: seus investimentos para realizar o que a move. Ela agencia desde o cenário do palco à costura da roupa brilhosa no vestido de preto veludo.

São essas as cores que predominam no filme: sobre a base preta (a pele, a casa, o palco), o tecido brilhoso, que representa o desejo de luxo da personagem, me fazendo lembrar uma série de outras – Luiziane, no *Inferninho* de Pedro Diógenes e Guto Parente, Pacarrete, de Allan Deberton, Shelly, em *Amor, Plástico* e Barulho, de Renata Pinheiro, Madame Satã, de Karim Aïnouz – todas garotas pobres em seus contextos singulares que sonham ser cantoras de sucesso.

Entretanto, o que interessa à Thamires Vieira não é construir um drama em que a personagem vive a tensão da realização ou não do show. Não se trata de pólos opostos e binários que apelam para o fracasso ou o sucesso (também fracassado por ser o oposto do anterior) falacioso e romântico como visto em novelas da Rede Globo. O que interessa é

a construção de outras narrativas/representações/imagens sobre nós, não estereotipadas, alegres, graciosas, fantasiosas. Sim, a fantasia como propulsão de vida. Amanda é fantasia, fabulação, coragem e ousadia; é desejo, é vontade, é viagem.

Embaladas pela sua voz cantamos junto a ela as melodias que tanto embalam as manhãs do interior que escuta Vale FM: “Se amanhã a gente se acertar tudo bem, mas se a gente não voltar, posso beber, posso chorar, e até ficar no choro, mas dessa casa eu eu só vou levar meu violão e nosso cachorro [...]”, das famosas Coleguinhas...

Enfim, este é um filme que deixa vontade de viver, dançar, bailar e nunca parar na pista. Thamires Vieira é um fenômeno que precisa ser descoberto pelo Brasil.

CINE CINEURGENTE URGENTE

Realização:



Parceria:



Apoio:

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTERIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL